

As manifestações religiosas brasileiras pelo olhar dos padres redentoristas alemães (1890-1904)

The Brazilian religious manifestations under the view of German redemptorist priests (1890-1904)

José Leandro Peters¹

joseleandropeters@yahoo.com.br

Resumo:

Neste trabalho proponho uma análise das cartas escritas pelos padres redentoristas alemães no momento em que eles chegaram à região de Guaratinguetá com o objetivo de aplicar na região o catolicismo ultramontano e, em um segundo momento, assumir a administração do Santuário de Nossa Senhora Aparecida na cidade de Aparecida do Norte, interior de São Paulo. Esses textos, além de descreverem a situação encontrada, apresentaram também um discurso que, ao que me parece, buscou acentuar as possibilidades de ação no Brasil e mostrá-las aos superiores da Congregação que permaneceram na Europa. Desse modo, me proponho a perseguir por esses documentos as percepções que esses religiosos constituíram do catolicismo brasileiro e as possíveis ações traçadas a partir dessas observações.

Palavras-chave: manifestações religiosas brasileiras, padres redentoristas, segunda metade do século XIX.

Abstract:

In this work we propose an analysis of letters written by German redemptorist priests when they arrived in the region of Guaratinguetá with the goal of applying ultramontane catholicism in the region and, in a second stage, to take on the administration of the Shrine of Our Lady of Aparecida in the city of Aparecida do Norte, São Paulo. These texts, in addition to describing the found situation, also presented a speech that, it seems to me, tried to accentuate the possibilities for action in Brazil and tried to show them to the superiors of the congregation who remained in Europe. Thus, I propose to pursue, through these documents, the perceptions that these religious built of Brazilian Catholicism, and the possible actions drawn from these observations.

Keywords: Brazilian religious manifestations, redemptorist priests, second half of the nineteenth century.

¹ Doutorando em História pelo Programa de Pós Graduação em História da Universidade Federal de Juiz de Fora.

Introdução:

A vinda de sacerdotes europeus para o Brasil no final do século XIX situa-se dentro da proposta de remodelação na Igreja Católica neste período, que tem como principal objetivo uma romanização do catolicismo brasileiro (Wernet, 1995). Riolando Azzi, em trabalho publicado em 1992, afirmou que a Igreja Católica no Brasil do século XIX foi marcada por um projeto conservador (Azzi, 1992). Para o autor, a instituição neste século tem como ponto norteador um retorno aos ideais da Igreja durante o período medieval em oposição à sociedade liberal em ascendência e a progressiva valorização da ciência em detrimento da religião.

A Igreja procura revitalizar os antigos valores da sociedade medieval, apregoando a necessidade de subordinação do homem a ordem sobrenatural, e conseqüente humildade e obediência diante das diretrizes emanadas pela hierarquia eclesiástica, visando pôr um dique a essa confiança otimista nos valores da razão e da experiência (Azzi, 1992, p. 7).

No Brasil, tal proposta de revitalização de ideais de um catolicismo medieval encontrou apoio em um projeto de governo imperial centralizador. Nesse sentido, a aspiração católica foi abraçada pelo governo que objetivava uma centralização do poder, concretizando tais anseios na reafirmação do regime do Padroado, onde a Igreja era considerada subordinada ao Estado. Contudo, essa união de interesses, em prol do que Riolando Azzi denomina ordem social, não impediu “momentos de grande tensão entre o regalismo imperial e o ultramontanismo clerical” (Azzi, 1992, p. 8).

Augustin Wernet, estudioso da história da Igreja no Brasil, em trabalho publicado em 1995 sobre a presença redentorista no Brasil, afirmou que a atuação desses religiosos estava de acordo com os interesses da Igreja em âmbito mundial, a qual buscava um maior controle por parte de Roma dos braços da instituição (Wernet, 1995). Vários outros estudos concordam com essa caracterização do período de mudanças no catolicismo brasileiro na segunda metade do século XIX, quando a Igreja se distancia aos poucos do domínio do governo imperial, de um controle que era exercido desde a época colonial e busca maior aproximação com a cúpula romana (Azzi, 1992; Hauck, 1992; Wernet, 1995).

É imersa nesse processo de mudanças que ocorre a vinda dos sacerdotes redentoristas para o Brasil. Uma das principais figuras atuantes na transferência dos religiosos foi o arcebispo do Rio de Janeiro e mais tarde, cardeal, Dom Joaquim Arcoverde. Segundo Wernet, Arcoverde era tendente ao catolicismo reformado, “mas nunca entendeu que este poderia menosprezar o amor à pátria e a estima à terra e à cultura brasileira” (Wernet, 1995, p. 27). Talvez esse seja um ponto que tenha pesado na escolha desses sacerdotes. Se a atuação dos religiosos estava em conformidade com os interesses da Igreja Católica como um todo, satisfazia ainda mais os anseios de Arcoverde, pois a congregação escolhida era promotora não só do catolicismo reformado em voga na época, como também buscava valorizar as tradições do povo brasileiro durante a sua atuação no país.

Para Wernet, essa singularidade deve-se à formação dos religiosos, ainda no século XVIII, na Europa. Ele divide a história da formação da Congregação Redentorista em três períodos: o primeiro, que ele chama de período cisalpino (1732 – 1793), o segundo, denominado período transalpino (1793 – 1853) e o terceiro, que chamou de período romano (1853 em diante). O período transalpino é o que mais me interessa nesse momento, pois permite perceber a composição da forma de ação desses religiosos. Wernet menciona que esse período foi marcado pela expansão dos redentoristas pela Europa oriental e central, quando, “o centro de vitalidade da Congregação estava fora da Itália” (Wernet, 1995, p. 40). Penso ser esse um trecho importante para a compreensão da singularidade de atuação dos redentoristas, porque foi o momento em que eles entraram em contato com um catolicismo chamado por Wernet de popular, e o assimilaram a sua forma de atuação.

Elementos típicos desse catolicismo popular foram: linguagem e estilo dos sermões acessíveis ao povo; uma profunda devoção mariana; o cultivo e a promoção de formas tradicionais de religiosidade como romarias e festas populares; a presença de elementos externos emocionais e sentimentais de religiosidade; cerimônias pomposas e edificantes, que tocavam o coração e a alma e não apenas a razão; a valorização da experiência, da simplicidade e da sabedoria em oposição a religião sofisticada e intelectualizada dos filósofos e teólogos e o amor e a estima do povo simples e camponês (Wernet, 1995, pp. 41 e 42).

Essa forma de expressão do catolicismo foi incorporada na tradição redentorista, principalmente a alemã. Wernet identifica como outro momento importante na

formação religiosa do grupo a atuação no Santuário de Nossa Senhora de Altötting, na Baviera.

O Santuário de Altötting data do século XV, e no final do século XIX era visitado anualmente por 300.000 romeiros. A imagem milagrosa existe desde o ano de 1300. Junto a imagem, conservam-se, em urnas de ouro, os corações dos reis bávaros da dinastia de Wittelsbach e do General Tilly, líder católico na Guerra dos Trinta Anos. Altötting, portanto, é o Santuário 'Nacional' de Baviera (Wernet, 1995, p. 42).

Nesse Santuário, os redentoristas não ficavam isolados por muros em grandes momentos de retiro espiritual. Eles entravam em contato direto com os romeiros no atendimento pastoral, principalmente entre os anos de 1841 e 1873. Ali foram pregadas missões e retiros para sacerdotes, leigos e estudantes universitários. “Uns 50 padres receberam sua formação espiritual, filosófica e teológica em Altötting, entre os quais, vários dos que vieram para o Brasil” (Wernet, 1995, p. 43). Essa vivência religiosa dos redentoristas no contato direto com formas de devoção popular e uma relativa ausência de isolamento, por meio de muros de conventos ou das leis da comunidade religiosa que impedissem o contato direto com fiéis, permitiram um aprofundamento no conhecimento dessa religiosidade e uma atuação diferenciada, marcada, ao mesmo tempo, pelo respeito e valorização de um catolicismo hierárquico e submisso a Roma e à consideração dos elementos religiosos de origem popular. Esse contato religioso dos padres redentoristas os levou a comparar o Santuário de Aparecida com o Santuário de Baviera, considerando Aparecida como a Altötting brasileira (Wernet, 1995, p. 44).

Brasileiros: um povo cordial, mas religioso e esperto.

Aos olhos dos redentoristas, os brasileiros compunham um povo cordial, bom, mas, sobretudo, esperto. Para eles, esse era o resultado de uma mistura complexa, o que exigia padres bem formados e dispostos a enfrentar um trabalho missionário árduo. Quando analisavam a religiosidade dos brasileiros, percebiam ser essa marcada por elementos característicos do catolicismo tradicional luso-brasileiro, o que em parte não satisfazia o interesse desses sacerdotes. Eles observavam em suas crônicas, que:

Há cenas comoventes; alguns fazem a promessa de subir de joelhos a rua principal, calçada de grandes pedras irregulares, morro acima, num trajeto de uns 8 – 10 minutos e, o fazem vestidos de penitentes rezando e cantando. Após 6 minutos, tingem-se as pedras de seu sangue. É uma cena que comove até às lágrimas. De fato, são grandes os sacrifícios externos desses romeiros; faltam-lhe só os internos. Os sacramentos caíram em desuso por grande deficiência de padres, ou por causas menos importantes.²

Em outro texto destinado a informar os superiores europeus sobre a realidade encontrada no Brasil, o primeiro vigário de Aparecida, José Wendl, descreveu com detalhes as procissões em homenagem à imagem. O objetivo parece ser uma demonstração de como eram as manifestações religiosas dos brasileiros. Uma religião marcada pelo visual, por encenações teatrais, por rituais pouco sacramentais para os anseios da Igreja da época. Buscando um referencial no mundo europeu para comparação ele conclui:

Só posso comparar o que assisti ao que tive ocasião de ver em Regensburg, por ocasião da visita do Príncipe Regente, mas estes aqui muito superiores. Viam-se serpentes de diversas cores e tamanhos, perseguindo uma estrela sem a alcançarem; repuxos emitindo raios coloridos para todos os lados e sempre mudando de forma; bolas de fogo estourando e deixando riscos de luz no céu; uma enorme cruz que brilha e depois vai desaparecendo para surgir dela os contornos da Igreja de N. Sra. Com suas torres, para por sua vez desfazer-se, aparecendo então a Imagem de Nossa Senhora Aparecida³.

Nessas crônicas, a atenção aos detalhes é uma constante. Os padres não deixam escapar o zelo dos fiéis para com os rituais. Repare no discurso sobre a serpente, ele representa a luta de Maria contra o Anticristo. A serpente nunca consegue chegar até a imagem, mostrando que Maria é vista pelos seguidores da procissão como a Mulher do Apocalipse, aquela que vence o pecado e, portanto, é uma esperança para a humanidade. A descrição do ritual feita por Wendl lembra o texto bíblico do livro do Apocalipse: a Mulher perseguida pelo Dragão (nesse caso pela serpente), os raios e bolas coloridas que explodem representam a batalha contra o Anticristo. A Mulher consegue vencer e

² Carta do Pe. Lourenço Gahr, primeiro superior da Comunidade Redentorista de Aparecida ao Monsenhor A. Prachar – Bremen na Alemanha. Enviada em 01 de junho de 1895. Transcrita em 27 de junho de 1978 por Júlio Brustoloni: BRUSTOLONI, J.. *Coletânea de documentos e crônicas da Capela de Nossa Senhora Aparecida (1717 – 1917)*. Aparecida: Arquivo da Cúria Metropolitana de Aparecida. Pp. 95 e 96

³ WENDL, Pe. José. Congregação do Senhor Redentor – Crônica do ano de 1901. Transcrita pelo Pe. Júlio Brustoloni em: BRUSTOLONI, Júlio. *Coletânea de Documentos e Crônicas da Capela de Nossa Senhora Aparecida (1717 – 1917)*. Aparecida: Arquivo da Cúria Metropolitana de Aparecida. P. 107.

dá a luz a um menino (cruz). Logo depois, surge a imagem de uma igreja, a nova Igreja, a Igreja de Nossa Senhora.

O redentorista deixa transparecer, no relato, um tom de perplexidade por essas formas de religiosidade, que ele considera como externalidades, do povo brasileiro, mas uma perplexidade que é perpassada também por admiração pela pompa e detalhismo com que é feito o ritual. Se para alguns essa forma de religiosidade poderia ser contrária aos objetivos de uma Igreja Católica reformada e ultramontana, para Wendl esse parece não ser um grande problema. O desafio do padre era, ao que me parece, apenas encontrar uma maneira de adequar esse catolicismo tradicional brasileiro a uma religiosidade mais sacramental.

O olhar de admiração talvez se deva a uma já predisposição desses redentoristas alemães para aceitar elementos desse catolicismo mais popular. No Brasil, um elemento parece ter salientado ainda mais o deslumbramento do redentorista; aplicava-se esse catolicismo devocional à imagem de Maria, aquela que a Congregação tinha como um de seus cultos principais.

Analisando o processo de elaboração e afirmação do catolicismo no México colonial, Serge Gruzinski destacou a importância de um personagem singular no processo; o arcebispo Montúfar (Gruzinski, 2006). Ele sugeriu que Montúfar foi capaz de dar um novo rumo ao catolicismo e à difusão das imagens religiosas na Nova Espanha. Para Gruzinski, o arcebispo foi singular ao desconsiderar a política de tabula rasa praticada pelos missionários predecessores, “que haviam apostado na ruptura incondicional com o passado” (Gruzinski, 2006, p. 139). O autor considera como fato explicativo dessa nova política religiosa adotada por Montúfar a sua formação, ou melhor dizendo, a sua experiência no contato com culturas religiosas distintas. Ele foi criado em contato com os mouros convertidos ao catolicismo, na região de Granada do século XVI, “teve tempo de adquirir a experiência da diferença cultural, da implantação do cristianismo em terra islâmica e da integração dos vencidos” (Gruzinski, 2006, p. 140). Se Montúfar tinha essa preparação prévia, que o permitiu olhar com outros olhos a realidade do Novo Mundo e dar a ela rumos diferentes, com os redentoristas alemães ocorreu uma situação parecida. A predisposição deles para conciliar o catolicismo devocional e popular a uma religiosidade ultramontana foi fundamental para que o projeto mariano brasileiro tivesse sucesso.

Consideradas as devidas diferenças, os redentoristas alemães também não se dispuseram a desconsiderar por completo os elementos desse catolicismo popular. Pelo contrário, utilizaram-nos para promover o culto à imagem de Nossa Senhora Aparecida. Um exemplo dessa forma de atuação foi a festa de coroação da imagem em 1904. Uma cerimônia marcada pela grandiosidade e pela mistura de elementos de um catolicismo mais popular como as procissões, as encenações e a própria coroação com um espaço religioso mais sacramental, que visava a uma religiosidade mais interiorizada e moralizada.

Nesse caminho, Wernet entende que os redentoristas alemães, responsáveis pela administração do Santuário de Aparecida, não procuraram introduzir no país uma fórmula religiosa pronta. Eles preocuparam-se em adaptar a sua forma de atuação às realidades brasileiras. Já nos primeiros anos de ação religiosa, “os missionários tentaram aprender e adaptar-se à mentalidade do povo, procurando fazer algo diferente para atraí-lo e tornar as missões mais atrativas e frutuosas” (Wernet, 1995, p. 172). Por certo, parece ter sido esse o estilo dos religiosos que partiram para Aparecida (SP) e região. As crônicas enviadas para os superiores na Europa deixam clara a preocupação com os detalhes sobre a vida dos brasileiros, e não parece haver um objetivo de rompimento drástico com a realidade encontrada. Parece-me que a palavra mais adequada para definir o objetivo dos redentoristas em nosso país é adaptação: um enquadramento da religião devocional de origem luso-brasileira, marcada por manifestações teatrais, procissões e promessas, dentro de um catolicismo mais sacramental, sem que houvesse um rompimento drástico dos costumes religiosos da população local.

Um exemplo desse objetivo dos redentoristas em modificar de maneira sutil, mas eficaz, a religião devocional dos brasileiros, foi a dedicação deles ao aprendizado da nossa cultura e língua. Os religiosos buscaram aprender a língua portuguesa almejando melhorar a comunicação com os católicos nas missões religiosas realizadas nas vilas e também no interior do país. Para escolher os sacerdotes que fariam as pregações nessas missões, eles buscavam aqueles que tinham o melhor domínio da língua nativa. Desse modo parece que conseguiam atingir o maior número de brasileiros possível.

As cartas redentoristas e as possibilidades de ação missionária no Brasil.

Nas primeiras cartas que enviaram à Europa, os redentoristas priorizaram relatar a seus superiores a realidade encontrada no Brasil. Depositaram especial atenção na descrição da capela, do comportamento religioso ao seu redor e da quantidade de pessoas que iam até o local em peregrinação (afirmaram contar cerca de 150.000 pessoas por ano). Referiram-se ainda às grandes personalidades que visitaram a capela, citando especificamente o ministro da guerra e o presidente da província de São Paulo, dos quais descreveram a visita de maneira detalhada, mostrando a pompa com que o governador foi recebido⁴. Chamaram atenção também para a visita do Secretário de Estado, que chegou a vila com a família para batizar o filho caçula na capela de Aparecida, um costume que parecia ser corriqueiro, pois os redentoristas relataram outros casos semelhantes. Sobre as cerimônias e rituais, esses eram motivos de admiração por eles. Segundo um cronista; “na Europa não se pode fazer ideia disso. Lá, nem um príncipe herdeiro é batizado com tanta pompa”. O autor atenta também para o fato de que muitos convergiam para aquela região a fim de casarem-se ali. Em relação às romarias, a visão foi outra: eram na maior parte carentes de luxo e conforto.

Esses textos, além de descreverem a situação encontrada, apresentaram também um discurso que, ao que me parece, buscou acentuar as possibilidades de ação no Brasil e mostrá-las aos superiores da Congregação que permaneceram na Europa.

Dizem que antes de nossa vinda, as comunhões eram apenas 100 por ano. Agora, começam a subir; do começo do ano até agora, já tivemos 1000 comunhões. N. Senhora deve amar muito os brasileiros e parece amanhecer já melhores tempos para eles, pois tendo eles tanto amor para com ela, é impossível que Maria os deixe desamparados. Em particular, os pretos são gente de boa índole, dos quais algo se pode conseguir.

Em S. Paulo, depois da Páscoa, encontrei muitos alemães bastardos, que a 20 – 30 – 50 anos não se confessavam mais, não assistiam missa, muitos porque não tinham ocasião, não ouviam mais uma pregação, outros muitos, porém, por indiferença e preguiça. Vieram também primeiras confissões de 18 – 20 anos. Que alegria, quando se pode auxiliar a esses abandonados.⁵

⁴ Carta do Pe. Lourenço Gahr, primeiro superior da Comunidade Redentorista de Aparecida ao Monsenhor A. Prachar – Bremen na Alemanha. Enviada em 01 de junho de 1895. Transcrita em 27 de junho de 1978 por Júlio Brustoloni em: BRUSTOLONI, Júlio. *Coletânea de Documentos e Crônicas da Capela de Nossa Senhora Aparecida (1717 – 1917)*. Aparecida: Arquivo da Cúria Metropolitana de Aparecida. Pp. 95 e 96.

⁵ *Idem*, pp. 95 e 96

O relato permite perceber uma especial atenção despertada nesses religiosos pelos negros (antigos escravos) e imigrantes. Quanto aos pretos, eles ganharam virtudes no olhar dos redentoristas. Ainda que possivelmente vistos como inferiores, os religiosos os consideraram gente de boa índole e uma possibilidade presente e futura para a Igreja. Percebe-se que o “algo a conseguir” dessa parcela populacional é aumentar o contingente de seguidores do catolicismo, o que significa que a incorporação destes pela Igreja Católica ainda era um desafio.

Da mesma forma, outro alvo da Igreja nesse momento parece ter sido os imigrantes que haviam chegado dos países europeus e tinham referenciais religiosos diferentes dos católicos. No trecho da crônica citado acima, Lourenço Gahr afirmou que encontrou no Brasil filhos de alemães já nascidos em nosso país que viviam distantes da Igreja. Assim os colonos alemães, que muitas vezes procuraram no Brasil continuar seguindo os ideais da Igreja Luterana, aparecem também como um alvo da busca redentorista para aumentar o volume de fiéis do catolicismo no país.

Observando justamente esse ponto, a crônica de José Wendl, fala das dificuldades do serviço religioso no país e lembra uma conversa que ele teve com outro religioso a quem chamou de Mons. Guidi,

Estimo sua Congregação e desejo vê-la progredir no Brasil, mas os senhores precisão de padres moços, fortes e talentosos. Gente nova de 30 anos, capazes de aprender bem a língua, conhecedores também de outra língua, o italiano é útil seria também o francês e o inglês⁶.

Podemos perceber que havia certa preocupação desses redentoristas com os grupos que vinham de fora do país e muitas vezes não estavam imersos na doutrina católica. Com o mesmo tom dos discursos acima abordados, nas crônicas do ano de 1901 foi citada a falta de religiosidade percebida nas colônias de imigrantes durante as grandes celebrações: “os chamados turcos, isto é, sírios, aqui numerosos, quase não tomaram parte, são pouco religiosos”⁷. Existe nesses discursos um objetivo claro: a catequese do povo brasileiro. Essa, para Wendl, não era uma tarefa fácil, pois os

⁶ WENDL, Pe. José. Congregação do Senhor Redentor – Crônica do ano de 1901. Transcrita pelo Pe. Júlio Brustoloni em: BRUSTOLONI, Júlio. *Coletânea de Documentos e Crônicas da Capela de Nossa Senhora Aparecida (1717 – 1917)*. Aparecida: Arquivo da Cúria Metropolitana de Aparecida. P. 112.

⁷ Crônica da Casa Redentorista de Aparecida. Ano de 1902. Transcrita em: BRUSTOLONI, Júlio. *Coletânea de Documentos e Crônicas da Capela de Nossa Senhora Aparecida (1717 – 1917)*. Aparecida: Arquivo da Cúria Metropolitana de Aparecida. P.121.

habitantes do país, não só os indígenas e selvagens, seriam em parte “ignorantes”⁸, mas a maior parcela ele considerava como muito vivos e espertos. Para ele, os padres que viessem para o Brasil teriam, além de trabalhar para sanar a fome religiosa que os ignorantes passavam, “saber dar alimento correspondente a instruídos e capazes”⁹.

Em sua divisão entre ignorantes e espertos, Wendl parece não diminuir nenhum indivíduo de acordo com a cor da pele, para ele: “dá-se o mesmo com brancos, mulatos ou pretos”¹⁰. O objetivo é chamar atenção para a necessidade da vinda para o Brasil de sacerdotes bem preparados que soubessem lidar com as duas realidades: converter aqueles que ainda não tinham religião, os ignorantes, mas também aqueles que já haviam sido contaminados de alguma forma pelo “mal”, ou seja, pelas novas propostas de assistência espiritual, fossem elas de cunho religioso ou político. Trazer esses grupos (imigrantes, antigos escravos e pessoas instruídas) para dentro da Igreja significaria uma dupla vitória: contra o positivismo e as religiões protestantes. Ao que parece esse é um dos troféus que os redentoristas buscavam ganhar naquele momento.

Para atrair esses grupos ao catolicismo, os redentoristas utilizaram de um discurso que não rompeu com as formas de religiosidade já praticadas no Brasil. Como já dito, eles conciliaram a busca de um catolicismo mais sacramental com as manifestações religiosas populares, mesmo que essas lhe parecessem pouco “internalizadas” para um catolicismo ultramontano. Os textos das crônicas da Casa Redentorista de Aparecida permitem perceber um otimismo dos religiosos quanto aos resultados desse trabalho e uma crença de que esse era o melhor caminho a ser seguido. Sobre as primeiras pregações eles afirmaram: “E o missionário fez a primeira pregação de abertura, que o povo ouviu de olhos e ouvidos atentos. ‘Nós nunca temos visto tal coisa’, diziam uns aos outros depois”¹¹.

Embora esses textos apresentem uma população receptiva ao novo trabalho missionário, compreender a religião expressa pelos brasileiros, um “povo herdeiro de uma religiosidade mais de devoções do que de preceitos” (Hauck, 1992, p. 17), não era

⁸ Ignorante no sentido de resistir aos ensinamentos e por suas ações truculentas no trato com os religiosos redentoristas.

⁹ WENDL, Pe. José. Congregação do Senhor Redentor – Crônica do ano de 1901. Transcrita pelo Pe. Júlio Brustoloni em: BRUSTOLONI, Júlio. *Coletânea de Documentos e Crônicas da Capela de Nossa Senhora Aparecida (1717 – 1917)*. Aparecida: Arquivo da Cúria Metropolitana de Aparecida. P. 112.

¹⁰ Idem, p. 112.

¹¹ Crônica da Casa de Aparecida – Missão na Paróquia do Bairro Alto (21/06 a 03/07 de 1898). Transcrita em: BRUSTOLONI, Júlio. *Coletânea de Documentos e Crônicas da Capela de Nossa Senhora Aparecida (1717 – 1917)*. Aparecida: Arquivo da Cúria Metropolitana de Aparecida. P. 124.

uma tarefa fácil para esses estrangeiros. Os olhares mais críticos dos padres alemães focavam a extrema exteriorização da fé no Brasil. Tal visão está presente ao longo de toda a crônica de José Wendl. Nas descrições das romarias, no comportamento dos fiéis e na doação de ex-votos ela transparece de maneira clara e, em alguns momentos, pressupõe até mesmo a ideia de idolatria, ou seja, o culto da imagem pela imagem e não a reverência ao que ela representa: a figura de Maria. Wendl conta que; “alguns desse bom povo pensam que a estatua de N. Sra. Aparecida seja a Mãe de Deus em carne e osso, pedindo-me um deles que lhe desse não só água pra levar, mas também do leite de N. Sra. Aparecida”¹²

Em parte, parece que a insistência dos religiosos em mostrar as maneiras de devoção do povo brasileiro é motivada não somente pelo desejo de esboçar um panorama das manifestações religiosas no país. Provavelmente, esse discurso é motivado também pela busca da Igreja, naquele momento, em instaurar no Brasil um “novo catolicismo” marcado não pela forma de devoção relatada pelos redentoristas em seus escritos, mas justamente pelo oposto dela. Nesse sentido, as situações descritas por esses padres são justamente os pontos que eles pretendem suprimir da prática católica no país. Elas claramente reforçam a grande dificuldade encontrada pelos padres alemães no Brasil.

Palavras finais:

Até o atual momento da pesquisa, em que nem todos os documentos (cartas escritas pelos redentoristas) foram levantados e analisados ainda, é possível apontar para uma conclusão, mas não fazer afirmativas concretas ainda sobre o assunto. Os documentos até o momento analisados indicam que os padres redentoristas que vieram para o Brasil tinham como uma de suas funções aproximar os brasileiros de formas religiosas menos devocionais que as então praticadas no país. Contudo, eles reconhecem essas manifestações religiosas e fazem delas um meio para conseguirem atingir o almejado: adaptá-las a um catolicismo que valorize os sacramentos em detrimento das devoções.

¹²WENDL, Pe. José. Congregação do Senhor Redentor – Crônica do ano de 1901. Transcrita pelo Pe. Júlio Brustoloni em: BRUSTOLONI, Júlio. *Coletânea de Documentos e Crônicas da Capela de Nossa Senhora Aparecida (1717 – 1917)*. Arquivo da Cúria Metropolitana de Aparecida. P. 102.

Penso que essa aproximação dos padres redentoristas do catolicismo devocional brasileiro foi, em parte, resultado da visão que tinham dessa religiosidade brasileira. Por mais que eles visassem uma religião que colocavam em segundo plano formas de manifestação religiosa como a tradição luso-brasileira, não deixavam de admirar as festas e as devoções então praticadas no país. Percebiam o brasileiro como astuto e um ser carregado de fé e afirmavam que as idolatrias cometidas pelos indivíduos estava relacionada a uma falta de assistência espiritual e não a falta de fé do povo, fato que as próprias cartas em alguns momentos permitem questionar, mas que não vem ao caso explicar nesse momento.

Referências:

HAUCK, João Fagundes; et all. *História Geral da Igreja na América Latina*. Tomo II: História da Igreja no Brasil – Segunda época. Petrópolis: Edições Paulinas / Vozes, 1992.

AZZI, Riolando. *O Altar Unido ao Trono: um projeto conservador*. (História do pensamento católico no Brasil – III). São Paulo: Edições Paulinas, 1992.

Carta do Pe. Lourenço Gahr, primeiro superior da Comunidade Redentorista de Aparecida ao Monsenhor A. Prachar – Bremen na Alemanha. Enviada em 01 de junho de 1895. Transcrita em 27 de junho de 1978 por Júlio Brustoloni: BRUSTOLONI, J.. *Coletânea de documentos e crônicas da Capela de Nossa Senhora Aparecida (1717 – 1917)*. Aparecida: Arquivo da Cúria Metropolitana de Aparecida. Pp. 95 e 96

Crônica da Casa de Aparecida – Missão na Paróquia do Bairro Alto (21/06 a 03/07 de 1898). Transcrita em: BRUSTOLONI, Júlio. *Coletânea de Documentos e Crônicas da Capela de Nossa Senhora Aparecida (1717 – 1917)*. Aparecida: Arquivo da Cúria Metropolitana de Aparecida. P. 124.

Crônica da Casa Redentorista de Aparecida. Ano de 1902. Transcrita em: BRUSTOLONI, Júlio. *Coletânea de Documentos e Crônicas da Capela de Nossa Senhora Aparecida (1717 – 1917)*. Aparecida: Arquivo da Cúria Metropolitana de Aparecida. P.121.

GRUZINSKI, Serge. *A Guerra de Imagens: se Cristóvão Colombo a Blade Runner (1492-2019)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

WENDL, Pe. José. Congregação do Senhor Redentor – Crônica do ano de 1901. Transcrita pelo Pe. Júlio Brustoloni em: *BRUSTOLONI, Júlio. Coletânea de Documentos e Crônicas da Capela de Nossa Senhora Aparecida (1717 – 1917)*. Aparecida: Arquivo da Cúria Metropolitana de Aparecida. P. 107.

WERNET, Augustin. *Os Redentoristas no Brasil*. Aparecida, SP: Editora Santuário, 1995.